

# MARÉ VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 53 — Preço 3\$50 — 14/7/77

DE SEMANA A SEMANA

## A ZONA SUL DA CIDADE

Espinho é uma cidade dividida. Quando se fala em Espinho está quase sempre implícito que se pretende significar a área das ruas perpendiculares, onde há, em geral, casas com boas condições de habitação, lojas vistosas, passeios e ruas empedradas. Porque quanto às margens desta área de cidade, essas recebem designações específicas que ajudam a separá-las do resto da cidade. É o Bairro de S. Pedro, é a Marinha e o Bairro Piscatório, que ainda que ligados a Silvalde por razões burocraticamente administrativas, têm direito a serem considerados como parte da cidade. A zona sul da cidade.

É efectivamente tempo de reivindicar para estes bairros, com todos os seus problemas, com todas as limitações que lhes foram impostas durante décadas, a vantagem de serem Espinho, o direito de serem cidade.

É tempo de vermos na zona sul da cidade algo mais do que o típico da vida dos pescadores, a regalia do peixe fresco, a festa popular onde passeamos a nossa indulgência.

Já tarda que Espinho, terra criada por pescadores, reconheça aos descendentes daqueles que lhe esgueram o nome, a dignidade de cidadãos, com tudo o que isso implica. Não apenas ter o direito de votar em partidos que depois pouco mais fazem do que abandoná-los à sua sorte, também o direito a habitação condigna, a um meio ambiente que seja saneado nos vários aspectos que o degradam, o direito a verem as suas crianças nascerem com um mínimo de condições, a saberem para os seus velhos um fim de vida melhor do que um banco numa esquina ao sol. Sobretudo, diríamos, o direito a serem olhados de forma nova, não caritativa mas também não desprezível, não paternalista mas sim aberta e franca, de igual para igual, de quem sabe que os problemas são muitos, que muitas são as coisas que nos separam, mas que serão mais aquelas que nos hão-de unir.

## Não temos mais nenhum trabalho...

A rua, comprida e ladeada de casas pobres, conduzia em silêncio até ao mar. Lá ao fundo a tasca, onde à porta um grupo fazia gestos e trocava palavras cujo sentido se perdia na distância. Mais abaixo, a capela, fechada, sem sinais exteriores de serviço religioso. Um pormenor estranho: duas redes dormiam, para ali atiradas, à entrada da porta. No ar morno do fim da tarde a vida estava presente, no rosto lento de cada um, no grito da mulher chamando a filha, na corrida repentina da criança chutando a lata velha, no rasto da bicicleta que se afasta. A vida dos pescadores de Paramos:

— Já passava das 4 da madrugada quando me acordaram, aos muros à porta. Vim para fora e vi o barco a arder. Eu e outro salvámos uma rede e pouco mais. Quanto ao barco, decerto chapiscado de gasolina, ardia da ré à proa, sem possibilidade de salvamento. Nada se pôde fazer...

O grupo de pessoas de todas as idades discutiam o acontecido. Uma coisa daquelas só por maldade. Então já se viu um barco parado na areia arder, a meio da noite, em poucos minutos?

— Penso que foi fogo posto, embora não haja sinais — continuou o senhor António Garranas, timoneiro do barco agora destruído, um dos nossos interlocutores — Este era o único barco da sociedade N.º Senhora da Aparecida, de vários patrões, a maioria pobres, que também vivem do seu trabalho e que entraram com uma pequena quota cada um.

O casco do barco, que nesse

mesmo dia de manhã cedo deveria ter saído para o mar, está estendido sem vida na areia. Há quem lhe ponha a mão e arranque um bocado de madeira feita carvão.

— E a mesma coisa que dizer que arderam para aí uns 400 contos. É que não foi só o barco, ardeu também o cordeane e uma rede. Só a rede hoje custa à roda de 130 contos. E só tínhamos seguro pessoal, em caso de acidente de trabalho. — acrescentou o arrais do barco, senhor Jacinto Chilro.

Pessoas iam e vinham. Gente que talvez nunca tivesse ido ao lugar da Praia, pescadores que nunca tinham visto jornais interessarem-se pelas suas vidas. Pescadores, habituados a terem de

sobreviver sozinhos, agora dependentes de tudo e de todos:

— Era bom que o Ministério das Pescas fosse sabedor destas coisas. E talvez o turismo, a Câmara pudessem ajudar a gente. Se não tivermos ajuda não podemos fazer nada, até porque a sociedade é pobre.

A quem estender a mão? A Polícia Marítima e a G. N. R. já tomaram conta da ocorrência, como é costume dizer-se. Mas, e o resto?

— Éramos 15 homens, pescadores matriculados, a trabalhar no barco, mais outros 15 em terra. Não temos mais nenhum trabalho. Se conseguirmos um auxílio para cobrir a despesa do barco e do cordeane começamos de novo. De outra maneira...



## S. Félix da Marinha

LUGAR DE ESPINHO — onde se fala dos "Celtas" e dos problemas de mais de mil pessoas

Ali à face da estrada, na descida da Tabuaça e do lado poente, começa o lugar de Espinho, que se estende para Norte até ao Juncal e acaba junto ao mar num pequeno grupo de casas entre a Granja e o Rio Largo.

Pois o lugar de Espinho, a escassas centenas de metros da cidade, não é Espinho. Pertence à freguesia de S. Félix da Marinha e, portanto, ao concelho de Vila Nova de Gaia. Porquê, não sabemos. Nem foi para desvendar esta «curiosidade» de divisão

administrativa que lá nos deslocámos. Fomos lá porque nos disseram da existência dum clube desportivo e porque também achámos que seria uma boa oportunidade para trazermos para estas colunas os problemas e as aspirações da população do lugar.

Foi assim que, num dos últimos domingos à tarde, entrámos no Café Desportivo, mais conhecido por «Café Cabica», e onde, numa sala anexa, funciona uma barbearia, sede dos «Celtas do Lugar de Espinho Futebol Clube».

continua na página 3

CINANIMA 77

— Uma Realização de Peso

Aos sócios da Nascente cabe o direito de serem informados da razão de ser de realizações que pela sua importância, têm a ver com o futuro da nossa cooperativa. Nascida da vontade de manter activos os responsáveis pela redacção do semanário «Defesa de Espinho», marginalizados de forma pouco

continua na página 4

## DEFESA DA COSTA

## FINALMENTE ENCARADA

Na sessão da Câmara realizada no dia 2 do corrente foi lido um ofício da Direcção-Geral dos Portos sobre o problema da defesa da costa e praia de Espinho e que surgiu em resposta ao requerimento que a Câmara havia feito àquela Direcção para que o problema fosse encarado.

Segundo esse ofício, estaria em vias de ser entregue a uma entidade especializada o estudo dos problemas litorais entre Leixões e o Cabo Mondego, com especial incidência sobre os casos de Espinho, Furadouro e Torreira. O mesmo ofício dava conta das especificações fornecidas àquela entidade especializada e que referiam o processo erosivo na zona de Espinho e outros dados a atender para a recuperação da praia.

O mesmo documento anunciava

entretanto a adjudicação aos Estaleiros Navais de S. Jacinto, em Aveiro, da construção de quatro dragas especialmente equipadas para o assoreamento artificial de praias e visando a nossa em particular.

Do teor desse ofício pode depreender-se um certo empenhamento da Direcção-Geral dos Portos na resolução deste problema de Espinho, que parece estar finalmente a ser encarado com a devida seriedade.

Só nos resta esperar que os estudos se iniciem num futuro próximo e que não se arrastem indefinidamente. Ótimo seria também que fosse possível utilizar as dragas na reconstituição da praia, enquanto não se iniciarem as obras que vierem a resultar daqueles estudos.



# NOTÍCIAS

## SUBSTITUIÇÃO NA FEPU NA A. F.

O representante da Frente Eleitoral Povo Unido na Assembleia de Freguesia de Espinho, Joaquim Domingos de Sousa, pediu a substituição no cargo que ocupa, por motivos de saúde. Tomará o seu lugar Ema Maria Garcia Letra, que ocupava a posição imediata na lista de candidatos da F. E. P. U. àquela Assembleia.

### CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares  
Serviço à lista  
Especializado em  
Casamentos e Baptizados  
Grande variedade de  
Petiscos  
Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

## DAS FINANÇAS

Durante o corrente mês de Julho estão em cobrança, na Tesouraria da Fazenda Pública desta cidade, o Imposto Profissional e a Contribuição Industrial (Grupo C) respeitantes ao ano de 1976.

### ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Encontram-se abertas as matrículas para o próximo ano lectivo 1977/78 dos vários CURSOS deste estabelecimento de Ensino durante o corrente mês de JULHO.

## MORTE ESCREVE-SE COM A (DE ABANDONO)

A notícia escreve-se em meia dúzia de secas linhas, tal como no-la contou o senhor António Martins Paquete:

— Eram para aí umas quatro e meia. Eu vinha pelo caminho adiante, ali junto ao mar, quando vi um catraio lá em baixo, nas pedras, com o braço no ar e a gritar. Fui logo e consegui soltá-lo das pedras onde estava preso. Foi então que ele me disse que debaixo duma pedra maior estava outro. Como eu não podia sozinho fui chamar mais homens ali à tasca e conseguimos tirá-lo. Mas já estava morto.

Mas quantas linhas seriam necessárias para contar a história TODA? Dizer não apenas que o Manuel António, de 8 anos, ferido com muitas escoriações na face e na perna, e o João Paulo, de 10 anos, morto no acidente, andavam a brincar nas pedras e na areia que a maré-baixa deixa a descoberto, quando uma pedra enorme, soltando-se os atingiu, mas acrescentar que as crianças da zona sul da cidade (bairros de S. Pedro, Marinha e Piscatório) não têm praticamente onde brincar a não ser a rua e algum terreno abandonado. Aliás, o mesmo se passa com a maioria das crianças desta cidade, mas ali, a sul tudo é pior, até porque o ambiente é mais degradado e perigoso para elas. Se ambas as crianças tivessem ficado debaixo da pedra é até provável que só mais tarde viessem a ser encontradas, tal é o abandono daqueles lugares.

Recordamos que em tempo se falou em aproveitar um terreno próximo do Bairro Piscatório para se construir um pequeno parque infantil, que permitisse desviar a numerosa população mais miúda não só de locais de brincadeira perigosos como de ambientes que em nada ajudam ao seu desenvolvimento e até da zona da escola, cujo normal funcionamento impedem, por vezes, nas horas em que estão cá fora enquanto outros frequentam as aulas. Mas o projecto morreu. O João Paulo também. E outros Paulos, logo que esqueçam esta tragédia, voltarão a brincar nos mesmos sítios e outros igualmente perigosos. Quantos terão ainda de ser sacrificados, por processos vários (nem só a morte é sacrifício e aquelas crianças sabem da vida várias maneiras de morrer...) até um dia lhes poderemos pedir perdão e dar-lhes aquilo a que têm direito?



Dia 14, Quinta-feira

«Amo-te Rosa»

Maiores de 18 anos

Por desconhecermos em absoluto qualquer referência a este filme, reservamos o nosso comentário. Se o leitor for ver e verificar que algo haveria a assinalar, manifeste-nos a sua opinião. Valeu?

Dia 15, Sexta-feira

«Os Mistérios do Organismo»

Maiores de 13 anos

Dusan Makevejev, realizador de nacionalidade jugoslava e só muito recentemente conhecido pelo público português, é o autor desta película. Admitindo a sua discutível qualidade, não queremos deixar de registar o nosso cepticismo e desconfiança pela campanha de promoção que tem sido criada em redor dos seus filmes Curiosa mesmo.

Dia 16, Sábado

«Toca-te Agora a Vez»

Maiores de 13 anos

Com a intenção de pôr o seu tipo de público a rir às gargalhadas, por vezes não olhando aos meios, as produções italianas aparecidas após o êxito de «Trinitá» não conseguiram ainda igualar a frescura de processos atingida nesse filme. Por isso continuam a ser «pior emenda». Ignore.

Dia 17, Domingo

«O Importante é Amar»

Maiores de 18 anos

Produzido pelos estúdios franceses e alemães ocidentais, mas com realização de responsabilidade dos últimos, este filme é digno de uma visão atenta, em que para além de outros valores há a registar a brilhante interpretação de Romy Schneider que de certa forma surpreendeu a crítica da especialidade. Aconselhável.

Dia 19, Terça-feira

«Bel - Ami»

Maiores de 18 anos

Os «argumentistas» dos filmes pornográficos já nem sequer poupam as criações dos expoentes mais representativos da literatura. E assim os temos às voltas, desta vez, com Guy de Maupassant. Mas tudo é tão mal feito, tão mal feito que nem o tema em que se inspiram se consegue salvar. Pura e simplesmente desprezível.

### farmácias

QUINTA — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092  
SEXTA — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352  
SABADO — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331  
DOMINGO — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250  
SEGUNDA - Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320  
TERÇA — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092  
QUARTA - Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

## MARE VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Agostinho Chaves, Ana Maria, António Letra, António Santos, Augusto Mota, Eugénio Morais, José Cruz, Morais Gaio e Victor Sousa

Colaboração especial:

Carlos Pinhão, Eduardo Oliveira e João Martins.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:  
VICTOR SOUSA

Redacção:  
RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO

### Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

# S. Félix da Marinha

## LUGAR DE ESPINHO — ONDE SE FALA DOS «CELTAS» E DOS PROBLEMAS DE MAIS DE MIL PESSOAS

Aí recebeu-nos o sr. António Rodrigues de Oliveira, que começou por falar-nos dos «Celtas».

Celtas: cinquenta sócios e muita vontade

«Os «Celtas» é um clube popular e desportivo que se dedica à prática do futebol e que se mantém em actividade sem interrupção há cartozo anos. São os próprios desportistas, com ajuda de outros amigos do clube, que pagam as despesas e que se dedicam com grande espírito de sacri-

fício à prática desportiva. Tem sobrevivido à custa do esforço de muitos homens humildes que têm passado pelo clube. É difícil enumerá-los todos e, por isso, talvez a vida dos «Celtas» possa ser contada, melhor do que ninguém aqui pelo sr. Manuel Ferreira do Couto, que foi sócio fundador e se tem sempre mantido num lugar de destaque na organização do clube, apesar da sua vida de trabalho não lhe permitir grandes tempos livres».

O sr. Manuel Couto, actual tesoureiro do clube e proprietário do café e da barbearia-sede começou por dizer-nos de que tem sido o clube:

«Os «Celtas», tal como existe, foi fundado em 1963, mas já antes disso houve actividade desportiva neste lugar. Desde então tem-se dedicado à prática do futebol e já deu mesmo atletas para clubes como o S. Félix e o S. C. Espinho. Temos um campo de jogos ainda em condições deficientes e participamos em torneios com outras equipas populares. Por exemplo, estamos agora numa final dum torneio popular, que vamos disputar contra a equipa da Cotesi. Quando não há jogos, nem torneios, vai-se treinando às quartas-feiras, com a orientação do sr. Adolfo Bóia».

«As receitas que temos vêm-nos dos sócios, cerca de cinquenta, que pagam desde 10\$00, e dos atletas que pagam 20\$00. Fora disso temos ajudas de amigos do clube, pessoas que vivem aqui no lugar. Isso vai dando para as despesas normais com equipamentos e a sua lavagem. Já para as obras que queremos fazer no campo de jogos (balizas novas, balneários) precisamos de maior ajuda da população do lugar. As deslocações, claro, são os atletas e os dirigentes que as pagam, porque não há dinheiro para isso».

Nem toda a gente tem jeito para o futebol. Planos para outras modalidades?

«Vontade não nos falta. Mas não há condições, nem quem possa orientar e apoiar. Logo que haja oportunidade, sim, pode ser que se façam mais coisas».

Como dissemos, também queríamos falar do lugar, da sua gente. Assim, apontámos os nomes dos actuais dirigentes dos «Celtas», após o que não nos foi difícil conversar sobre o lugar. E, para já, aqui ficam os nomes: Américo Teixeira (presidente), José Vitória e Domingos Lapa (secretários), Manuel Couto (tesoureiro) e os vogais Carlos Pinho, Fernando Magalhães, Adolfo Bóia e Henrique José.

Juntas não têm apoiado, mas... não falta que fazer

Sobre este novo tema, o diálogo alargou-se a mais pessoas presentes, que iam intervindo a propósito.

Vivem no lugar mais de mil pessoas, quase todos trabalhadores, que na sua maioria trabalham em Espinho e noutras fábricas fora do lugar, com excepção de uns poucos que estão empregados em fábricas de malhas que ali existem. Há também quem viva da agricultura, mas agora em número cada vez menor.

continuação da página 1

A aspiração de virem a pertencer ao concelho de Espinho era unânime, o que não se estranha se se pensar na economia de despesas que isso traria.

Problemas há muitos. A habitação, por exemplo, é preocupante há ainda muita gente a viver em barracos. A escola primária, com seis salas de aulas e de construção recente vai chegando para a população escolar. Já o mesmo não se pode dizer da assistência médica. Não há qualquer posto de primeiros socorros e a população desloca-se, na sua maioria, ao posto de Arcozelo a que está ligada, a uns bons pares de quilómetros e, em alguns casos, a Espinho.

A electrificação continua a não haver na Amieira um populoso aglomerado do lugar. Caminhos que continuam por arranjar. E que têm feito as Juntas?

«Antigamente já se sabe como era. A Junta fazia, desfazia e a gente tinha que se calar. Com o 25 de Abril acreditamos que já tínhamos voz e formou-se uma Comissão de Moradores. Mas a única coisa que se conseguiu foi o arranjo duma estrada. De resto, o lugar continua a ser esquecido e a Comissão desfz-se porque as pessoas desanimaram».

Até que ponto este sintoma de «baixar os braços» poderá criar ainda mais isolamento?

«Não estamos isolados, porque temos um morador do nosso lugar na Assembleia de Freguesia. É por intermédio dele que podemos levar à nova Junta os nossos problemas. Não dizemos que todas estas necessidades se possam satisfazer imediatamente, mas há coisas muito importantes que se podem fazer com pouco tempo e pouco dinheiro. É o caso da fonte e do rio».

**A fonte e o rio: a solução era simples**

Acompanhados pelos nossos interlocutores, saímos do café e dirigimo-nos à fonte e ao rio de que nos falavam. Entrámos numa descida íngreme, difícil, por um caminho lamacento e mesmo perigoso, até que chegámos à fonte, em questão, depois de termos passado por uma outra.

«É por aqui que as mulheres do lugar têm que passar todos os dias para buscar água e já não é a primeira que cai por aqui abaixo. Dantes o caminho era bom, mas há pouco tempo vieram para aqui descarregar esta terra toda e é o que se vê. O terreno está mais alto e agora nem se consegue meter um copo abaixo da bica, quando dantes se metia um cântaro à vontade. E a água desta fonte é melhor do que a outra e até já foi receita por médicos. Era também preciso captar esta água mais acima e depois encaná-la, para que ela venha em maior quantidade. Senão, qualquer dia secas».

Um bocado mais abaixo passa o rio de Espinho, que é utilizado para a lavagem da roupa. Duas pedras utilizáveis, e umas tantas submersas não dão condições mínimas para a tarefa.



### ANTA

#### Escola Primária Assaltada

Depois de tempos atrás terem sido assaltados o salão Paroquial e a igreja, foi a vez de na madrugada do passado dia 5, desconhecidos entrarem na Escola Primária do Souto-Anta, cumprindo pelos vistos, assim, a sua «agenda de serviço».

Pouco tempo passava da primeira hora do dia, quando os assaltantes entraram por arrombamento, na escola masculina e partiram os vidros dos armários ali existentes à procura talvez de algo com valor. Não foram bem sucedidos, pois apenas um rádio que lá se encontrava lhes despertou o interesse.

Já que na escola não satisfizeram os seus intentos, resolveram ir bater a outra, novamente mal sucedidos, visto que, ao contrário do que é habitual noutros blocos escolares, o primeiro andar dum dos edifícios da escola é habitado por uma professora primária.

Depois das pessoas da casa se aperceberem dos ruídos, logo tentaram localizar os assaltantes mas estes fugiram sem deixar rasto.

A polícia judiciária ficou a difícil tarefa de descobrir os assaltantes.

— De notar que na mesma noite foram também assaltadas as escolas primárias de Esmojães, donde levaram uma máquina de projectar de 8 mm e a Associação de Socorros Mútuos de Anta, o que faz presumir que os assaltantes sejam os mesmos.

VISTA OS SEUS FILHOS  
NA

## BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

«Não estamos a pedir um tanque. Só queremos que dêem o arranjo nisto e até não era difícil».

Regressámos, subindo a ladeira e demos a nossa tarefa terminada. Despedimo-nos e ouvimos ainda:

«É preciso pôr no Jornal que a Junta tem de nos prestar mais atenção. Veja lá isso!»

Vimos e trouxemos connosco este recado da gente do lugar de Espinho. Está dado.

## CINEMA CASINO

Dia 14, Quinta-feira

«Bubu Montparnasse»

Maiores de 14 anos

Trazida pela mão de Mauro Bolognini, esta película não se consegue impor pela sua qualidade, pois enferma ainda de todas as amputações impostas pela censura fascista. E isso é de lamentar.

Dia 15, Sexta-feira

«Um Corpo no Terraço»

Maiores de 18 anos

Com algo de inesperado e insólito surgido a uma determinada personagem, desenvolve-se uma história que, interessante no tema, não chega a atingir um nível minimamente desejável. Esse facto deve-se à inexperiência e ausência de talento do realizador, o que muito nos desilude.

Dia 16, Sábado

«Os Malucos do Estádio»

Maiores de 6 anos

Juntando à já considerável sucessão de filmes de série que nos apresentam os mesmos intérpretes no desempenho das mesmas personagens, vêm agora as produções que têm Les Charlots como protagonistas. Pela sua pouca originalidade e a frouxa graça, que julgamos só comparável aos filmes da dupla Franco-Ciccio, consideramos esta fita inútil

Dia 17, Domingo

«Madame Bovary»

Maiores de 13 anos

Admirável obra escrita por Gustave Flaubert posta pelas ruas da amargura da pornografia. Amigo leitor, se quer conhecer personagem tão atraente, leia o livro e desconheça «versões» deste jaez.

Dia 18, Segunda-feira

«Os Malucos Vão à Guerra»

Maiores de 6 anos

Que os inimigos não os poupem é o augúrio que lhes desejamos.

Dia 20, Quarta-feira

«Aquela Governanta»

Maiores de 18 anos

Mais uma brejeirice de Gianne Grimaldi destinada a atingir fins muito objectivos: angariar fundos provenientes das frustações das plateias. E de certa forma o consegue. Lamentavelmente.

# TRABALHO

## Professores em Eleições: Tudo na Mesma?

Após um ano de actividade sindical praticamente nula, os professores da Zona Norte elegeram nova direcção sindical, que não promete vir a inverter profundamente a desmobilização crescente da classe, que a direcção cessante não quis ou não soube continuar.

Os resultados foram conhecidos no dia imediato ao acto eleitoral, que decorreu no último sábado, e deram vitória esperada à lista A («Por um sindicato reformista») e uma votação significativa na lista C, «Por um sindicato forte e representativo».

Paralelamente, decorreram as eleições para o Distrito, que deu a Vitória à lista 1, que veiculava as propostas da lista A para a Zona, em prejuizo da outra lista concorrente, a lista 3, que mantinha o carácter unitário da lista C. No Concelho de Espinho, a tendência na votação não diferiu significativamente do que aconteceu em relação à Zona e ao Distrito.

Zona	A	B	C	D	Nulos	Branco	Total
Votos	131	3	58	9	—	2	203
%	64,5	1,47	28,57	4,43	—	0,85	98,98
<b>Distrital</b>	<b>(1)</b>	<b>(3)</b>	<b>Nulos</b>	<b>Branco</b>	<b>Total</b>		
Pré Prim.	5	3	—	2	10		
Primário	73	10	—	4	87		
CPES	8	6	1	7	22		
Secund.	50	23	2	12	87		
<b>TOTAL</b>	<b>136</b>	<b>42</b>	<b>3</b>	<b>25</b>	<b>206</b>		
<b>Estab. Ensino</b>	<b>Part.</b>	<b>Pré P.</b>	<b>Prim.</b>	<b>CPES</b>	<b>Sec.</b>	<b>Total</b>	
Eleit. inscritos	3	13	152	62	474	244	
% Votantes	0,0	53,8	62,5	19,35	42,6	36,0	

## CINANIMA 77

Continuação da página 1

clara por gente que de democrata apenas veste a embalagem, no princípio do ano passado, logo se viu o desperdício que resultaria do não aproveitamento duma estrutura que previa toda uma variedade de actividades, desde o jornalismo ao teatro, do ensino à actividade cinematográfica.

Aberta a todos quantos, manifestando fidelidade aos ideais cooperativistas, se sentissem disponíveis para tais actividades, a Nascente tem hoje a possibilidade de se apresentar como exemplo, aplicável a outras localidades, sobretudo naquelas onde a existência de gente consciente dos condicionalismos que o País atravessa veja que não resulta estar à espera que do aparelho que é o Estado saiam as soluções mágicas que deem saída à situação de obscurantismo herdada do fascismo e que a revolução dos cravos ainda não alterou.

Atentos à experiência colhida no trabalho deste primeiro ano, julgaram alguns activistas comportar a cooperativa realizações que ultrapassassem os limites da nossa região. Surgiu então a ideia de realizar em Espinho o I FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA

DE ANIMAÇÃO, CINANIMA 77. Como de ideias anda mais de meio mundo farto, pensou-se na melhor forma de o concretizar. Contactados os organismos oficiais competentes, asseguramos o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Secretaria de Estado da Cultura, do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis - FAOJ e da Câmara Municipal de Espinho, esta última através da Comissão de Turismo.

Assegurados os apoios oficiais, contactamos os organismos internacionais ligados ao Cinema de Animação. A ASIFA (Association International du Film d'Animation), a BILIFA (Bureau International de Liaison des Institutes de Film d'Animation), as comissões organizadoras dos festivais internacionais de Annecy (França), Zagreb (Jugoslávia) e Otawa (Canadá), além da FICC (Federação Internacional de Cineclubes), informadas da nossa iniciativa reagiram favoravelmente, oferecendo-nos o seu apoio incondicional.

Estamos num ponto em que a não realização do I Festival Internacional de Cinema de Animação resultaria de incapacidades humanas locais, no que não acreditamos.

continua na página 8

## A LEI DA GREVE

No passado dia 8 foi aprovada, na Assembleia da República, apenas com os votos favoráveis do Partido Socialista, a nova lei da greve.

Rejeitada pela UDP e pelos deputados independentes Carmelinda Pereira e Aires Rodrigues que a consideram «uma arma de guerra contra os trabalhadores», todos os restantes partidos se abstiveram, incluindo o PCP que o havia aprovado na generalidade.

São várias as objecções que se podem pôr (e se puseram já) a esta nova lei, a começar pelo seu art.º 2.º que remete para as respectivas associações sindicais a competência para declararem a greve retirando esse direito quer às comissões de trabalhadores, quer aos próprios plenários de empresa.

Nos termos do art.º 6.º, a entidade patronal fica com o direito

de, durante a greve, substituir os grevistas por outros trabalhadores que, à data do seu anúncio, trabalhem no mesmo estabelecimento ou, então, no mesmo serviço.

A discriminação criada em relação aos trabalhadores de formação política, a quem a lei se não aplica; a limitação, do direito à greve em largos sectores de actividade; a obrigatoriedade dum pré-aviso de 48 horas; e, sobretudo, a gravosa pena em que incorrem os trabalhadores que declaram greve «com inobservância do disposto neste diploma», são outras tantas razões de insatisfação dos trabalhadores e motivo para se pensar se não teria sido com um sentido de humor negro que o legislador fez constar, logo do art.º 1.º da lei, que «O direito à greve é irrenunciável!»

Aqui como em toda Zona Norte, a afluência às urnas não foi a que se desejaria e para isso terá concorrido também o facto de as eleições se realizarem a um sábado, quando muitos professores residentes em concelhos diferentes dos que são sede da sua escola, se encontram por isso afastados do seu local de voto.

Assim se explicará o facto de terem sido os professores primários quem mais pesou na votação, dando maior nitidez ao avanço da lista A.

Enfim, umas eleições que ratificaram uma linha sindical que vem dirigindo o sindicato e que utilizou, em seu proveito, a partidização da vida sindical. A lista C, que apresentava propostas diferentes para a actividade a desenvolver pelo Sindicato, não conseguiu uma suficiente mobilização da classe, saindo daí naturalmente prejudicada.

As listas B e D, mormente a primeira, não conseguiram justificar a sua candidatura, não interferindo sequer como polarização de tendências sindicais que se vem acentuando nos «sindicatos de serviços», como é o caso deste.

## JORGE AMADO — DEPOIMENTOS

Continuação da página 8

2 — De Jorge Lima, sobre «Cacau».

«Jorge Amado foi quem, pela primeira vez, fez romance proletário. Com honestidade e sem literatura ruim. Isso fascina os novos, abre um caminho diferente no marasmo literário em que vivemos».

3 — De Graciliano Ramos, sobre «Suor».

«Em Suor há um personagem de carne e osso muito mais importante que os outros: é Jorge Amado, que morou na ladeira de Pelourinho, 68, e lá conheceu Maria Gabussu e todos aqueles seres estragados que lhe forneceram material para um excelente romance».

4 — De Josué de Castro.

«Saiu do Nordeste a primeira fornada de verdadeiros romancistas brasileiros. Romancistas chamados de proletários, porque se meteram por lugares escuros onde só os pobres penetram e de lá vieram com um cheiro travoso da vida. Cheiro irritante e desagradável para os meios limpos e correctos. Romancistas que substituíram as mulheres fatais, os heróis bem acabados e o amor impossível, pela vida simples, mas esgravatada a fundo, reprimida, desmascarada, sem constrangimento, sem belas mentiras convencionais. Gente que cumpre com

o seu compromisso de sinceridade e faz, naturalmente, arte verdadeira. Foi o clima humano do Nordeste que amadureceu o sentido do verdadeiro brasileiro, na consciência dos intelectuais».

5 — De Vinicius de Moraes.

«Saí da leitura de Gabriela Cravo e Canela, eu que andava no maior fastio de literatura, com a mesma sensação de bem estar físico e espiritual como só dão os prazeres do copo e da mesa, quando se está com sede ou fome, e os da cama, quando se está com mulher que se ama. Ela representa, dentro da novelística brasileira, um cume máximo. Um cume que todos os escritores jovens devem ter em mira, numa sadia inveja e num saudável desejo de ultrapassá-lo. E tanto pior se o não fizerem!»

6 — De Carlos Drummond de Andrade.

«O que há, em Gabriela, como em toda a obra do escritor, é um denso e verdadeiro humanismo, que é simplesmente do homem humano, singelamente universal. Tudo tão humano, tão nosso, tão marcado pela autenticidade da vida, pela simplicidade mais total, por uma poesia que é espontânea e fecunda. Gostamos de Gabriela porque nos encontramos em Gabriela».

# CUSTO DE VIDA

## = FLAGELO NACIONAL

### INQUÉRITO

Para falar do custo de vida e das suas implicações ninguém melhor do que, como se diz por tudo e por nada, «quem de direito». E este «quem» somos afinal todos nós, aqueles que no seu dia a dia se têm de defrontar com os preços dos mais variados produtos necessários à sua sobrevivência e, para usar a expressão de um nosso entrevistado, «fazem a ginástica» necessária por entre as maçãs a 40\$00, os transportes a 18\$00, a renda de casa por 3, 4 ou 5 e mais contos.

— Está tudo caro, exorbitante mesmo. Como chefe de família, com 3 filhos e 10 contos de ordenados tenho de fazer muita ginástica. É claro que se vai vivendo (vive-se sempre...) mas não como devia ser. Era preciso impedir situações como a que se passa com a maçã, que ainda não há muito se comprava a 10\$00. Mas eles açambarcaram-na e agora, é o que se vê, aparece a 40\$00 — assim se manifestou o senhor Tavares da Silva, com ar de quem exige que se tomem medidas.

— Bem, o que eu noto mais caro são as coisas do dia a dia, sobretudo os produtos alimentares. E as rendas de casa, porque embora eu tenha uma renda antiga apercebo-me de que estão bem caras. E se tudo está mais caro é, em parte, porque os preços de custo são também mais elevados. E as pessoas que vivem da agricultura e que têm tido uma vida muito pobre já perceberam que também têm direito a viver melhor. E, além disso, os aumentos dos salários também se repercutem no preço das coisas. Aliás, no que se refere aos salários, parece-me que estão já desajustados em relação aos preços. Houve um período em que se podia comprar mais. E era preciso equilibrar o aumento do custo de vida com o aumento dos salários.

Agradecemos à sra. D. Marcela Pinho a espontaneidade do seu depoimento e dirigimo-nos a outra senhora, na procura de mais achegas:

— É claro que está tudo muito caro, mas aquilo em que se sente mais é na alimentação. Em Espanha os preços também são elevados, mas o nível de vida é melhor, ganha-se mais e assim não se nota tanto. Para mim é claro que a desvalorização da moeda tem muito que ver com isto. E a inflação também.

sra. D. Mercedes Lobo fez a oportuna comparação com Espanha porque, embora vivendo em Espinho, é cidade espanhola. Aliás, a questão do custo de vida é um problema internacional dos países capitalistas, que tem as suas causas na crise geral que o capitalismo vive, o que se nota, por exemplo, nas elevadas taxas de inflação.

Mas ouçamos ainda outro testemunho, do senhor Claudino Pereira Ribeiro, de Fiães, mais elucidativo do que qualquer teoria:

— Que quer que lhe diga? Eu ganho 5.500\$00 e tenho 12 filhos. O que é preciso é acabar com a exploração. Vai-se a qualquer lado e não há dinheiro que chegue. Acabe-se com a explora-

Nos últimos anos da política marcelo-fascista a questão do aumento constante do custo de vida foi um importante factor de descrédito do governo de então e de organização das massas populares para se oporem à liquidação sistemática do seu direito a uma vida minimamente digna.

O 25 de Abril veio trazer aquilo que pareciam ser justificadas esperanças, tanto mais que, durante algum tempo, foi possível não só actualizar para níveis razoáveis muitos salários como sustentar a inflação e o aumento do custo de vida.

Mas, desde há uns tempos, esta questão tornou-se, de novo, tema central de muitas conversas, de muitos artigos de jornal e, sobretudo, de muita preocupação quando as famílias se reúnem à mesa para comer. O que se passa é que há uma situação que não se pode tolerar, de abandono dos níveis dos preços aos interesses daqueles que mais lucro tiram quanto mais caro vendem. E não nos venham falar em tabelas, fiscalizações e outras graças do género. Aliás, de que vale uma tabela, mesmo quando é cumprida, se os preços nela tabelados são desde logo, bem altos?

#### A LÓGICA DOS PREÇOS

Os preços sobem, é facto assente. Agora quanto às explicações e justificações desse facto é que a coisa é muito discutida. Dizem uns que é devido aos salários terem subido, o que faz com que os produtos saiam mais caros, pelo que têm de ser postos no mercado a preços mais elevados. Esta explicação, aparentemente muito lógica, esconde uma «lógica» muito própria do capitalismo: o carácter sagrado e intocável do lucro. Aqueles que dão esta «explicação» não passa pela cabeça, por exemplo, que os lucros pudessem ser reduzidos para níveis mais baixos, a fim de ser possível a tal mais justa redistribuição da riqueza de que todos falam e em que todos andam (andarão?) interessados. Além de que Portugal continua a ser um dos países capitalistas em que a parte do Rendimento Nacional atribuída para salários é mais limitada, tendo atingido, mesmo no «terrível» ano de 1975 apenas 56,7%. Outros, talvez menos simplistas e que têm a deplorável «mania» de querer arranjar explicações complicadas para todas as coisas (não é sr. Medina Carreira? não é sr. Sousa Gomes?) dizem que a actual política de «conviver com a inflação», desvalorizar o escudo e permitir o aumento dos preços é uma cedência às pressões daqueles para quem uma diminui-

ção. Não falta bacalhau mas eles só estão interessados em vendê-lo caro. Eu cá não quero greve, mas que havia de haver um ministro que dissesse que tinha de acabar a exploração e acabar mesmo, lá isso havia. Mas eles vão ao Alentejo comprar tomate a 2\$50 e vêm logo vendê-lo a 10\$00. Ora quem é que ganha esse dinheiro? Eu não quero aqui nenhum «Brasil», quero que acabe a exploração.

ção do desequilíbrio do comércio externo português exige uma inflação galopante. E acrescentam que a «Europa connosco» está de tal maneira afectada por uma crise geral, com incidência especial na inflação, que ao pretendermos estar junto dela de alma e coração também levamos por tabela.

#### SALÁRIOS BAIXOS, PREÇOS ALTOS

Mas, factos são factos, e vejamos, pois alguns dados concretos da relação entre preços e salários:

De Outubro de 1975 a Setembro de 1976 os preços aumentaram 19,2% em Lisboa e 17,8% no Porto. E o certo é que os salários não têm, de forma alguma, acompanhado este ritmo, que aliás se tem vindo a agravar constantemente, e isto principalmente porque as negociações para actualizações de salários têm sido no geral muito demoradas e complicadas. E se em 1975 o aumento do poder de compra das classes trabalhadoras foi de 10%, em fins de 1976 já tinham, praticamente, perdido esse aumento, devido à constante subida dos preços dos bens de consumo, por um lado, a estabilização dos salários por outro.

Um outro bom exemplo da desactualização dos salários em relação ao aumento do custo de vida vê-se no chamado salário mínimo nacional. Assim, o salário mínimo que entrou em vigor em 1.6.1975 era de 4.000\$00. Mas desde a sua entrada em vigor até Setembro do ano passado 22% foi quanto aumentaram, em média, os preços. Por isso, é lógico que o salário mínimo teria de ser actualizado, caso se pretendesse acompanhar estes aumentos, não deixando diminuir ainda mais o poder de compra de quem já tão pouco ganha, de pelo menos 5.000\$00.

#### ■ O POVO DESTES PAIS QUE...

O aumento constante e em flecha do custo de vida é um flagelo que atinge as classes trabalhadoras em geral, o operário de fábrica como o funcionário público, o empregado de escritório, como o trabalhador de construção civil. Só as classes francamente privilegiadas continuam impávidas e serenas e se por vezes protestam é apenas para fingirem hipocritamente que o assunto também as preocupa e afecta. Os trabalhadores dos campos e das fábricas, os empregados de comércio e escritório, os funcionários públicos os pequenos comerciantes e industriais sem recursos são entre outros, aqueles que, efectivamente, estão a pagar, por exemplo, os famosos empréstimos. Numa palavra: é o povo deste

## QUE DIZ A ISTO?

### O que é a Insubordinação?

O 25 de Abril tem sido designado de muitas maneiras, desde «golpe libertador» até «traição à pátria». Nada de anormal nesta variedade de posições perante o mesmo facto, dado que as interpretações que cada um faz variam em função de diversos factores que levam as pessoas a defenderem uma determinada visão do mundo e não outra (a classe social a que pertence ou a que aspira, a ignorância, voluntária ou involuntária, das leis objectivas do desenvolvimento social e da história, a opção ideológica, etc.)

Agora que um coronel do exército, em cerimónia solene de juramento de bandeira, designe o 25 de Abril como uma «insubordinação militar» é, pelo menos, um perigoso jogo de palavras e ideais que vive da aparente objectividade da designação (sob certo ponto de vista — de quem? — o 25 de Abril foi efectivamente uma insubordinação do exército. E porque não da Marinha e da Aviação?) e da situação concreta em que o discurso foi pronunciado.

E para quê? Para ameaçar, ainda e sempre, com o sagrado dever de obedecer acriticamente aos seus legítimos superiores? Ou para recordar, ainda e sempre, que ao exército compete a defesa intransigente da ordem democrática e sua expressão máxima — a Constituição — que só forças reaccionárias estarão interessadas em subverter através da «insubordinação do exército»?

país que, tal como num passado inda não muito distante, continua a suportar a política daqueles que tanto lhe invocam o nome... em vão.

«Maré Viva» está atento a este grande problema do dia a dia dos seus leitores e daqui manifestamos o nosso interesse em que os nossos leitores se pronunciem sobre esta grave questão, quer escrevendo-nos ou contando-nos as suas impressões, quer alertando-nos para aspectos que achem importantes neste autêntico flagelo nacional que é o constante aumento do custo de vida.

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

## Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Primeira — A Sociedade adopta a firma «SANTOS, OLIVEIRA & AZEVEDO, LIMITADA», tem a sua sede na rua oito, número setecentos cinquenta e cinco, de Espinho, podendo instalar delegações onde os sócios deliberarem e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Segunda — O objecto da Sociedade é a exploração do ramo comercial de PENSÃO, HOSPEDAGEM, RESTAURANTE SNACK-BAR, CAFÉ, CERVEJARIA e similares, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade que os sócios deliberarem e seja consentida por lei.

Terceira — O capital social é de cento e vinte e seis mil e trezentos escudos e constituido por três quotas iguais de quarenta e dois mil e cem escudos cada uma, pertencentes a cada um dos sócios Aníbal Santos de Oliveira, Manuel Fernando Marques de Azevedo e António Manuel dos Santos Oliveira.

Parágrafo único — Os sócios realizaram o seu capital entrando para a Sociedade com o estabelecimento que lhes pertencia em partes iguais, denominado «PENSÃO SNACK-BAR SÃO PEDRO», no valor líquido de cento e vinte e seis mil trezentos escudos e no qual cada um tinha uma terça parte no valor de quarenta e dois mil e cem escudos.

Quarta — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios.

Parágrafo Primeiro — Para vincular a Sociedade é indispensável a intervenção de dois gerentes.

Parágrafo Segundo — Os actos de mero expediente poderão ser praticados por qualquer dos gerentes.

Parágrafo Terceiro — É absolutamente vedado aos gerentes fazer intervir a Sociedade em quaisquer actos (de favoa digo) de favor, estranhos aos negócios sociais.

Parágrafo Quarto — A gerência nas condições estabelecidas no Parágrafo anterior, poderá representar a Sociedade em quaisquer processos, respeitantes aos negócios sociais e nomeadamente confessar, desistir ou transigir neles.

Quinta — Os sócios podem fazer à Sociedade os suprimentos de que esta carecer. Quando outra taxa não seja estabelecida, os juros vencerão a taxa de dez por cento ao ano.

Sexta — Qualquer sócio pode afastar-se da Sociedade, prevenindo-a por carta registada com a antecedência não inferior a trinta dias. A Sociedade pagar-lhe-á tudo o que se apurar pertencer-lhe segundo o balanço a efectuar (na altura, em seis prestações semestrais e iguais, a partir da aprovação do balanço.

Parágrafo Único — Se a Sociedade não cumprir com a obrigação estabelecida no corpo deste artigo, o sócio poderá requerer a sua dissolução e liquidação.

Sétima — É permitida a amortização de quotas, no caso de o titular da quota amortizada violar os deveres estabelecidos para a gerência, causando prejuízos à Sociedade.

Parágrafo Único — A quota amortizada será paga pelo valor constante do último balanço aprovado, no prazo de três anos, em seis prestações semestrais e iguais contadas a partir da data da amortização.

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

## EDITAL N.º 49/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho :

Faz saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente Edital no Diário da República, está aberto o primeiro concurso público para execução de «Construção de um complexo escolar desportivo com um edifício de 8 salas de aula, Biblioteca polivalente e Cantina».

Base de licitação 12.510.787\$00  
Depósito provisório 312.770\$00

Só podem ser admitidos ao concurso os concorrentes classificados como empreiteiros de obras públicas titulares do alvará da 1.ª categoria (Construção Civil) e da classe correspondente no valor da proposta.

Os depósitos podem ser substituídos por garantia bancária nos termos da Lei.

O programa do concurso e o caderno de encargos encontram-se patentes todos os dias úteis dentro das horas normais de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal.

A abertura das propostas que devem ser entregues nesta Câmara ou enviadas pelo correio, sob registo, serão abertas pela Comissão nomeada para o efeito no primeiro dia útil seguinte ao fim daquele prazo, pelas 15 horas na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, salvo se coincidir com sábado que transitará para o primeiro dia útil que se seguir.

Espinho e Paços do Concelho,  
4 de Julho de 1977.

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

Oitava — As assembleias Gerais serão convocadas por meio de carta registada endereçada aos sócios, com a antecedência não inferior a oito dias.

Nona — Falecendo qualquer sócio, a Sociedade continuará com os sobreviventes e com os herdeiros do falecido, que entre si escolherão um que os represente.

Décima — Dissolvida a Sociedade, a liquidação será feita pela licitação em globo do estabelecimento, que será adjudicado àquele dos sócios que mais oferecer por ele.

Todos os sócios serão liquidatários. E o produto obtido será dividido pelos sócios, na proporção das suas quotas.

SANTOS, OLIVEIRA & AZEVEDO, LIMITADA

Sede - Rua 8, 755, Espinho

Notária - Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que por escritura de ontem, de folhas 10, verso, a folhas 13 do livro deste cartório A - 50, se acha exarada uma escritura de constituição de sociedade, entre ANÍBAL SANTOS OLIVEIRA, MANUEL FERNANDO MARQUES DE AZEVEDO e ANTONIO MANUEL DOS SANTOS OLIVEIRA que entraram para ela cada um com a quota parte que lhes cabe no estabelecimento «PENSÃO, SNACK-BAR SÃO PEDRO», instalado no prédio da Rua 8, 755, de Espinho, com todo o seu activo e passivo, no valor líquido de 126.300\$00,

## DESPORTO

## As Nossas Entrevistas

continuação da página 7

ce que nos vai dar uma parte das receitas, mas nada se sabe ao certo.

Quanto a instalações não temos grandes dificuldades, utiliza-se o pavilhão e a sede, apesar do pavilhão ter mais condições, mas com o desenvolvimento de outras modalidades temos de adoptar por esta dupla solução. O nosso grande problema reside na falta de material. A D. G. D. deu-nos este ano algum (bolas, cavalo com arçõs e trampolim), mas se nos federássemos talvez recebéssemos mais. Precisamos de mais colchões e de um tapete para movimentos livres, porque com o aumento de praticantes o material existente não chega. Contudo julgo que para o ano não haverá aumento de atletas, devendo o número actual manter-se. Mesmo assim o material faz-nos muita falta, dificultando o trabalho. A Direcção das Actividades Amadoras deu-nos muita ajuda, mesmo até a do futebol, mais do que nos anos anteriores.

Não sei ainda se continuarei, é muito difícil aguentar neste ritmo, mas se não fôr assim, será melhor abandonar. Eu gosto muito da ginástica, estou presa ao clube à muitos anos, fui atleta e gostaria que tudo continuasse a correr bem, mesmo que eu saísse».

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

## EDITAL N.º 50/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho :

Faz saber que durante o prazo de vinte dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente Edital no Diário da República, está aberto primeiro concurso para execução da empreitada da obra de «Pavimentação dos canteiros da feira semanal em Espinho — 5.ª fase»:

Base de licitação 805.368\$00  
Depósito provisório 20.134\$00

Só podem ser admitidos ao concurso os concorrentes classificados como empreiteiros de obras públicas titulares do alvará da 1.ª categoria (Construção Civil) e da classe correspondente ao valor da proposta :

Os depósitos podem ser substituídos por garantia bancária nos termos da Lei.

O programa do concurso e o caderno de encargos encontram-se patentes todos os dias úteis dentro das horas normais de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal.

A abertura das propostas que devem ser entregues nesta Câmara ou enviadas pelo correio, sob registo, serão abertas pela Comissão nomeada para o efeito no primeiro dia útil seguinte ao fim daquele prazo, pelas 15 horas na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, salvo se coincidir com sábado que transitará para o primeiro dia útil que se seguir.

Espinho e Paços do Concelho,  
4 de Julho de 1977.

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

cabendo a cada um uma terça parte, no valor de 42.100\$00, descrito sob o número 9, folhas 6, do livro B - 1, inscrito sob o artigo 2.420, com o rendimento colectável de 99.180\$00, por cuja ocupação não há neste momento renda paga. Que a Sociedade se rege pelo pacto retro.

Está conforme o original Espinho e Cartório Notarial, 31 de Maio de 1977

O Ajudante do Cartório,  
(José dos Santos Sil)  
Maré Viva — N.º 53 — 14/7/77

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

## EDITAL N.º 51/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho :

Faz saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente Edital no Diário da República, está aberto concurso público para execução da empreitada da obra de «Pavimentação de Canteiros na Feira Semanal em Espinho — 6.ª fase»:

Base de licitação 885.286\$00  
Depósito provisório 22.132\$00

Só podem ser admitidos ao concurso os concorrentes classificados como empreiteiros de obras públicas titulares do alvará da 1.ª categoria (Construção Civil) e da classe correspondente ao valor da proposta.

Os depósitos podem ser substituídos por garantia bancária nos termos da Lei.

O programa do concurso e o caderno de encargos encontram-se patentes todos os dias úteis dentro das horas normais de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal.

A abertura das propostas que devem ser entregues nesta Câmara ou enviadas pelo correio, sob registo, serão abertas pela Comissão nomeada para o efeito no primeiro dia útil seguinte ao fim daquele prazo, pelas 15 horas na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, salvo se coincidir com o sábado que transitará para o primeiro dia útil que se seguir.

Espinho e Paços do Concelho,  
4 de Julho de 1977.

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

# DESPORTO

## AS NOSSAS ENTREVISTAS

### Depois do Sarau de Ginástica

#### ouvindo D. MARIA HENRIQUETA VITÓ

«O nosso grande problema reside na falta de material», afirmou-nos D. Maria Henriqueta Vitó, seccionista de ginástica do S. C. E.

No sarau de Ginástica realizado no passado dia 2 do corrente, apresentaram-se cerca de duzentas atletas com idades compreendidas entre os três e os dezasseis anos, a cargo dos professores Fátima Teixeira, Jorge Teixeira, Alberto Rebelo e Jorge Ramiro. Um sarau que provou, acima de tudo, que a secção de ginástica do S. C. E., continua a desenvolver um trabalho válido, não fosse apenas movimentar tantos jovens. Acerca do que se fez, do que faz e do que se pode fazer, falamos com a sua seccionista, D. Maria Henriqueta Neves Vitó, antiga atleta do Sporting de Espinho, e seccionista à cerca de cinco anos.

«A ginástica no Espinho começou à volta de dez anos por intermédio do sr. Óscar e do meu marido (Romeu Vitó), que ajudados por José Bico, trabalhavam ao domingo de manhã, constituindo uma espécie de brincadeira, não havendo cobrança de quotizações, nem professores especializados. Depois convidaram a Maria Emília Reis, que trabalhou com eles, a título gratuito, mas devido à constante afluência de crianças, viram-se obrigados a contactar mais professores, agora com ordenados (Artur Caleijo e Júlia Caleijo) começando os miúdos a pagar quotas.

Depois o sr. Óscar teve que desistir e eu comecei, existindo

já uma organização, classes formadas, uma orientação estabelecida.

Neste momento temos 7 classes em funcionamento, dos 3 aos 5 anos (mista), dos 6 aos 8 anos, dos 8 aos 12 anos e classes a partir dos 12 anos, estas divididas para rapazes e raparigas. Ano passado tivemos maior afluência que este ano, talvez porque começam a despertar para outras modalidades. Nota-se bastante nos pequeninos (cerca de 70) mas há uma diminuição nas classes mais velhas. Por exemplo na classe a partir dos 12 anos tivemos no ano transacto cerca de 40 e este ano à volta de meia dúzia, mas não passando de classes, consoante as idades. É claro que não abandonaram o clube, são canalizadas para outras modalidades, principalmente para o futebol. A nossa intenção é todavia essa, uma preparação desportiva, uma iniciação para outros ramos do desporto. Não estamos, portanto, a praticar ginástica competitiva não estamos federados. O professor João Justiniano acompanhou-nos este ano e insistiu para que nos inscrevessemos, mas ainda não está nada decidido».

Modalidades como a ginástica, sujeitas às vantagens e desvantagens do amadorismo, constituem problema para quem se encontra à frente dos seus destinos.

«No que respeita a professores tive alguns problemas, houve um que abandonou a meio, mas lá consegui resolver a situação. Os quatro actuais têm todos o curso

continua na página 6

## «Desportivo Português de Caracas»

### recebido na Câmara Municipal

Por iniciativa do «Espinho Viva», agremiação cultural desportiva formada por espinhenses radicados na Venezuela, deslocou-se a Espinho o grupo de futebol do «Desportivo Português de Caracas», clube de maior implantação junto dos emigrantes portugueses e que, ainda há muito pouco tempo, aquando da celebração do Dia das Comunidades, em 10 de Junho, realizou um desafio com a equipa do Marítimo.

As delegações do «Desportivo» e do «Espinho Viva» foram recebidas na Câmara Municipal por todos os seus componentes e por representantes do Sporting de Espinho. As boas-vindas foram dadas por Marçal Duarte, presidente da direcção dos «tigres» que desejou que toda a comitiva se sentisse bem nesta cidade e que era grande alegria para o Sporting de Espinho confraternizar com o clube venezuelano.

Artur Bártolo, presidente da Câmara Municipal, salientou na sua intervenção a importância que têm estes eventos desportivos para aproximação dos dois povos, lembrando os laços de amizade e gratidão que o ligam à Venezuela, onde já esteve emigrado durante vários anos. Foram duma toada idêntica as palavras dos representantes do «Espinho Viva» e do «Desportivo Português de Caracas», agradecendo o acolhimento prestado e desejando que uma delegação do Sporting de Espinho um dia se desloque à Venezuela, para que possam retribuir.

Um acto simples, sem grandes formalidades, a demonstrar que o desporto poderá ser um elo de ligação entre os povos, entre as pessoas e não um motivo de inúteis querelas e imperdoáveis actos de violência.



## S. C. Espinho, 3 - D. Caracas, 2

### — da confraternização ao «penalty» que o árbitro inventou

ESPINHO — Serrão I; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Raul; Meireles, João Carlos e Vaquero; Serrão II, Reis e Malagueta.

(Jogaram ainda: Quim, Ribeirinho, Simplicio, Pinto Ribeiro, Castanheira, Gentil, Gonçalves II e Canelas).

DESPORTIVO — Quimba; Acúrsio, Sheldon, Lima e Benito; Rafa, Gonzado e Miromai; Erly, Machado e Djair.

(Jogaram ainda: Kelé e Suarce).  
ARBITRO: Teixeira Pires  
(Aveiro)

Um jogo amigável, um confronto entre dois tipos de futebol, entre duas equipas de dois países diferentes, que contudo não deixam de ter os seus elos de ligação, não fossem as centenas de milhar de portugueses que trabalham no País de Simón Bolívar. Bastava, para que o público espinhense visse este desafio com bons olhos, que ele partisse da iniciativa de emigrantes espinhenses do «Espinho Viva», que nunca se esquecem da sua terra natal.

Quanto ao jogo em si, apesar de a época ter findado, apesar dos adeptos espinhenses andarem preocupados com as aquisições que os «tigres» possam fazer para a próxima temporada, não se poderá afirmar que foi despedido de qualquer interesse. Apesar de nalguns momentos se notar uma certa apatia nos locais, foram estes que mostraram melhor futebol, atacando, criando situações de perigo, chegando aos 2-0, com golos de Reis e João Carlos, aos 34 e 38 minutos. Mas logo no minuto seguinte os venezuelanos ripostaram e diminuíram a diferença através dum potente remate, fora da área, de Gonzado. Serrão, de novo, os visitantes a marcar, de forma idêntica, aos 54 minutos, por intermédio de Kelé, merecendo o empate, pela determinação demonstrada.

O único senão foi o árbitro ter inventado um «penalty», por carga contra Canelas; «Penalty» que não existiu, e que a própria assistência repudiou. Somente Reis não se fez rogado e bate, sem apelo nem agravo, o guardião e treinador da equipa, Quimba.

Vitória justa, apenas manchada com o aparecimento de castigos fantasmas.

Por último saliente-se que este desafio foi relatado, por via telefónica para a Venezuela.

## T Futebol de A a Z

TAÇA — Vocês já ouviram falar em clubite? Em Campeonite? Sabem o que quer dizer? É uma doença. Assim como há hepatite, assim como a bronquite é uma doença dos brônquios, há também a doença do clube e a doença do Campeonato. Há quem interprete em termos doentios, facciosos, essas realidades que, em si mesmo, são positivas, mas que, assim fanaticamente consideradas, se tornam altamente perigosas e são responsáveis por muitos atropelos às boas normas desportivas, pela sua parcialidade, pela sua intolerância, pela sua cegueira.

A rapaziada da rua é que tem razão quando, a seu modo replica a esses exageros e a essas loucuras: «Que se lixe a Taça!»

Desenho de João Martins  
Texto de Carlos Pinhão



# MAIÉ VIVA

Quem é que não anda hoje em dia, distraído, a trautear a «Gabriela é meus camaradas», aquela com o cheiro do cravo e a cor da canela? Quem é que não conhece «seu Nacib» ou o maquiu-vélico «coronéu Ramiro»?

Da Gabriela falaremos em breve. Por agora, outra pergunta: quem é que conhece Jorge Amado, um escritor? Pois esse Senhor é, vejam lá, o autor do livro «Gabriela Cravo e Canela», que está na base da história da televisão. Sabiam? Por isso, e por muito mais, vale a pena conhecê-lo.

## JORGE (O ROMANCISTA) AMADO

De repente, graças à Tele-novela «Gabriela» (adaptação de uma das suas obras), Jorge Amado surge, pela primeira vez, para a maioria do povo português. E, todavia, Amado é um dos mais representativos autores da língua portuguesa!

Falar de Jorge Amado é falar, simultaneamente, da sua vida e da sua obra, que não se dissociam: não se sabe onde começa uma e onde acaba a outra. Com efeito, a obra de Amado é um maravilhoso retrato de todos os - baianos - como - ele... As situações, os locais, as personagens existiram realmente. Não são fruto de imaginação: Jorge Amado nasceu na fazenda de cacau Amicidia, seu pai lutou contra os poderosos da Terra, viveu em Ilhéus, estudou na casa onde viveu Castro Alves, mesmo o dentista Osmundo, dona Sinhazinha, o coronel Ramiro, o comandante Vasco Moscoso de Aragão ou o Quincas Berro D'água existiram também.

Falar de Jorge Amado é falar da sua espantosa precocidade: aos oito anos foge do colégio, considerando o internato como uma prisão; aos 13 anos dirige uma revista de intervenção: «A Pátria» e funda «A folha», jornal de oposição à directoria do Grémio Literário; aos 15 anos é reporter do «Diário da Baía» e um ano depois ilinha francamente, nos movimentos literários modernis-

tas do Brasil, apoiando aquilo a que ele próprio chamou «uma literatura brasileira de conteúdo universal», especialmente através das revistas «Samba» e «Meridiano»; aos 18 anos publica o seu primeiro livro: «O País do Carnaval».

Toda a sua vida é um hino de rebeldia e de liberdade. Autor literário politicamente comprometido e socialmente lúcido, conhece todos os momentos: altos ou baixos, consoante a própria oscilação do seu país, governado por ditadores ou por homens livres. No primeiro caso, Jorge Amado conheceu a prisão, a tortura, o exílio, as suas obras queimadas na praça pública, a perseguição da polícia política, os processos judiciais, as condenações. No segundo caso, Amado conheceu a homenagem, a eleição para deputado, os prémios literários, a presidência de congressos, a candidatura ao Nobel, o título de cidadão honorário, o seu nome em rua e em praça.

Jorge Amado. Um autor comprometido. Com o seu povo, com o povo do Nordeste Brasileiro, com as suas misérias, os seus sofrimentos as suas lutas.

Falar de Jorge Amado é falar, da sua luta contra o envelhecimento e o reaccionarismo. É falar de uma vida cheia de momentos vivos. É de uma energia que parece nunca mais acabar...

## DEPOIMENTOS

1 — De Augusto Frederico Schmidt, sobre «O País do Carnaval» — Prefácio.

«Seu livro deve ser visto de uma maneira diversa da que se olham as obras de ficção. É, antes de tudo, um forte documento do que somos hoje, nós, mocida-

de brasileira, mocidade sem solução, fechada em si mesma, perdida numa terra que nos dá a todo o momento a impressão de que sobramos, de que somos de mais. Seu livro acordou em mim velhas revoltas já sufocadas e recalçadas contra a vida e a terra em que vivemos».

continua na página 4



## CINANIMA 77

### — Uma Realização de Peso

Sabemos que em Portugal o Cinema de Animação era visto como complementar de outros filmes. O trabalho notável de Vasco Granja desenvolvido na televisão vai dando frutos. Sabemos já distinguir filmes de animação cuja função é divertir (caso da Pantera e do Pica-Pau) daqueles cuja função é instruir, educar. O autor destas linhas, que teve oportunidade de assistir ao último festival de CA realizado em Annecy, é testemunha das imensas possibili-

dades do desenho animado voltado para esse trabalho. A inteligência, o inconformismo, o progressismo da maioria dos filmes apresentados, são indicação segura da necessidade da realização em Portugal dum Festival deste tipo.

O futuro saberá provar esta afirmação. Da parte dos sócios da Nascente esperamos a confiança e o apoio que esta realização merece. Novembro não está longe e as informações continuarão.

continuação da página 4

## A OBRA DE JORGE AMADO

Da obra de Jorge Amado, salientamos:

- 1 — «O País do Carnaval», «Cacau», «Suor», «Jubiabá», «Mar Morto», «Capitães da Areia», e «A Estrada do Mar» (antes de 1940).
- 2 — «Terras do Sem Fim», «S. Jorge dos Ilhéus», «Baía de Todos os Santos», «Amor de Castro Alves», «Seara Vermelha», «O Mundo da Paz», «Subterrâneos da Liberdade» e «Gabriela Cravo e Canela» (entre 1940 e 1960).
- 3 — «Os Velhos Marinheiros», «Dona Flor e os seus dois maridos», «Os Pastores da

Noite», «Tenda dos Milagres» e «Teresa Batista Cansada da Guerra» (após 1960).

Jorge Amado escreveu novelas em jornais e revistas, algumas das quais estão publicadas em volumes: «Lenita», «Artigos sobre a Guerra», «A Morte de Quincas Berro Dagna», «De Como o Mulato Porciuncula Descarregou Seu Defunto», «A Morte», «A Completa Verdade sobre as Discutidas Aventuras do Comandante Vasco Moscoso», «Brandão entre o Mar e o Amor», «A Vida de Luis Carlos Prestes» e «ABC de Castro Alves».



PORTE  
PAGO

Ilídio Martins da Silva  
R: 33 - Bº Moderno-Espinho